



SÉRGIO LUIZ GALLINA

O CAVALEIRO  
DO TEMPLO  
I

maisQnada  
editora

Porto Alegre - RS - 2008



# Agradecimentos

Antes de mais nada, cumpre destacar os primeiros leitores e críticos desta obra, que muito contribuíram às mais diversas correções e revisões ao longo do tempo, aos quais agradeço de coração. São eles: Ana Marsiglia, Aulus Stern, Cecília Pires, Claudia Mota, Cleonice Fischer, Daniel Lopez, Elisa Plass, Elisa Prestes, Ernani Porcello, Fabrício Eschiletti, Francisco Schneider, Franklin Moreira, Hélio Pinheiro, Iara Nemetz, Ivana Nora, João Teixeira, Jorge Ribeiro, Loanda Campello, Paula Scaim, Paulo Arenhart, Rafael Trombetta, Rejane Prestes, Rosa Santos, Rosana Montagna, Silvana Maas e Vicente Rockenbach.

Igual destaque merece o clube do meu coração, o Sport Club Internacional, o Colorado, que, durante o desenvolvimento desta obra, conquistou o Campeonato Mundial de Clubes da FIFA em 2006, estímulo incomparável a um novo escritor. Muito obrigado, Fernando Carvalho, Abel Braga, Fernandão e a todos os demais conquistadores do mundo.

Destaque ao professor José Rivair, pelo apoio e pelo prefácio, ao que aproveito para junto agradecer a todos os historiadores e pesquisadores em geral da Idade Média, que, mesmo sem saber, fundamentaram esta obra.

E devo agradecer aos profissionais envolvidos nesta publicação, que muito se dedicaram e que, sem eles, este livro não teria saído da prancheta: Rafael Trombetta (editoria e planejamento), Carmen Presotto (imagem e difusão), Ricardo Hegenbart (capa e diagramação), Sarah Goulart e Aline Buaes (divulgação).

Devo agradecer ainda aos meus queridos familiares, que me ajudaram a chegar até aqui, do berço à obra, e que muito torceram por esta realização: Carlindo (falecido), Aura, Paulo (falecido), Rejane, Ricardo e Mariana.

Enfim, um último e merecido agradecimento à minha querida tia Edacy Masina, a Tia Ciça, a quem mais devo o estímulo à literatura e a quem dedico este meu primeiro livro .

Sérgio Luiz Gallina  
Porto Alegre/RS, 10 de Junho de 2008



# Sumário

1. Anna da Bretanha
2. João de Salisbury
3. Thomas Becket
4. Canterbury
5. A 2ª Cruzada
6. A Dialética
7. Constantinopla
8. Alienor da Aquitânia
9. Henrique II Plantageneta
10. Melusina
11. Fidelidade
12. Carlos Magno
13. O Depoimento
14. Pedro Abelardo
15. O Enforcamento
16. Ricardo Brito
17. Oskar de Saint-Michel
18. O Novo Arcebispo
19. Conflitos
20. O Presente
21. Claredon
22. O Exílio
23. O Refém
24. O Passarinho
25. Sherwood
26. O Batismo
27. A Caçada
28. São Carlos
29. Os Arqueiros
30. Maomé
31. O Velho Cego
32. Os Califas
33. Reinaldo de Châtillon
34. Guilherme Marechal
35. O Egito
36. Saladino
37. O Torneio
38. Ricardo Plantageneta
39. Manzikert
40. O Novo Santo



# Prefácio

Inglaterra, meados século XII. É este o cenário histórico do romance *O Cavaleiro do Templo*. Nele o leitor encontrará referências e ações de personagens familiares aos historiadores, como Henrique II Plantageneta, Thomas Beckett, João de Salisbury e Abelardo, ou então de acontecimentos bem estudados pela medievalística, como a Segunda Cruzada e a canonização de Carlos Magno por Frederico Barbaruiva.

Mas não é evidentemente de história-ciência, nem de pesquisa original, apoiada em provas documentais, que se trata. Estamos diante de uma obra de ficção, na qual o conhecimento acumulado pelo escritor a respeito do período não lhe impõe os limites da demonstração e da argumentação, ficando aberta a porta para a imaginação criadora e para a evasão.

Desde o nascimento da história como disciplina científica, na metade do século XIX, ela conviveu, às vezes de maneira harmoniosa, outras vezes nem tanto, com o gênero literário do romance histórico. Entre os “pais” da medievalística portuguesa estiveram nomes como Alexandre Herculano, que souberam aliar com maestria o senso agudo do pesquisador de arquivo com a paixão criadora do estilista, escrevendo concomitantemente textos de natureza histórica e textos de natureza romanesca tendo por objeto a Idade Média. Desta profícua relação nasceram *O Monge de Cister* (1848) e, sobretudo, o celebrado romance *Eurico, o Presbítero* (1844).

O próprio gênero literário do romance deve algo à imaginação que se fez sobre a Idade Média. O sucesso de livros como os do inglês Walter Scott, com seu épico *Ivanhoé*, e do francês Victor Hugo, com a inesquecível *Notre Dame de Paris* (popularizada depois, na literatura, teatro, cinema e mesmo nas Histórias em quadrinhos como *O Corcunda de Notre Dame*) tem parte importante do mérito pela revalorização da Idade Média e pela criação de uma imagem positiva daquele período.

Esta Idade Média romantizada continuou a exercer seu fascínio, e no século XX autores fundamentais, como Thomas Mann, não esconderam o gosto que tinham pelo medievo. Também continuou a estimular a imaginação criadora, e alguns renomados escritores de romances históricos, como o finlandês Mika Waltari (1908-1979) dedicou atenção ao período no romance ambientado em 1453, durante a queda de Constantinopla, chamado *O Anjo Negro* (1952), ou o francês Maurice Druon, da Academia Francesa de Letras, construiu uma série de romances de grande sucesso editorial ambientada no início do século XIV e tendo por eixo central o fim da dinastia dos capetíngios, conhecida como *Os Reis Malditos*. No primeiro volume desta série, que é considerada o modelo contemporâneo do romance histórico, aparece uma citação que nos ajuda a compreender perfeitamente bem as pretensões e perspectivas deste tipo de narrativa: “a História é um romance que aconteceu”.



Poderíamos continuar a repetir infinitamente nomes de romancistas e obras romanescas que foram muito mais lidos do que livros de pesquisa histórica. Fiquemos apenas com *O Nome da Rosa* (1982), do semiólogo italiano Umberto Eco, que constitui um marco nas discussões sobre forma e estética contemporâneas, e sobretudo com a trilogia *O Senhor dos Anéis*, de J. J. Tolkien, transposta recentemente numa aclamada produção para o cinema. Em ambos os casos, temos experientes pesquisadores da cultura medieval (no primeiro caso, um especialista em filologia germânica; no segundo caso, um especialista em filosofia e estética do período da escolástica) que souberam fixar imagens poderosas através de obras ficcionais.

É nesta senda que se situa a obra de Sérgio Gallina. Não na da Idade Média histórica, cujos traços gerais, bem conhecidos, guardam sutilezas e detalhes que continuam a desafiar os historiadores. Mas na da “Idade Média sonhada”, tão bem avaliada por Umberto Eco, aquela Idade Média retomada na posteridade que alimenta com seus valores, seus mitos e seus mistérios a imaginação contemporânea.

A preocupação do autor com a verossimilhança histórica é tal que, ao longo do texto, vemos passagens contendo citações de conhecidos historiadores com informações pertinentes ao assunto mencionado. Isto demonstra o quanto ele se preocupou em buscar na pesquisa historiográfica a matéria-prima para construir os alicerces que sustentam o enredo de sua estória. À bem da verdade, por vezes este procedimento acaba sendo excessivo, tal a intenção do autor em produzir verossimilhança. É bem provável que os personagens históricos da segunda metade do século XII não estivessem tão ligados entre si quanto mostra o romance, nem que os acontecimentos retratados estivessem tão bem articulados quanto somos levados a crer. Entretanto, estamos aqui nos domínios da ficção, onde o autor goza de muito maior liberdade do que aquela conferida aos historiadores.

Estão aí alguns elementos da narrativa romanesca, a nos convidar para um mergulho num tempo distante em que a fé orientava os comportamentos e os códigos de comportamento eram perpassados pelas noções de honra, justiça, virtude e verdade. Deixemo-nos iluminar por esta experiência singular!

José Rivair Macedo



# Jerusalem

William Blake

And did those feet in ancient time,  
Walk upon England's mountains green?  
And was the Holy Lamb of God,  
On England's pleasant pastures seen?

And did the Countenance Divine,  
Shine forth upon our clouded hills?  
And was Jerusalem builded here,  
Among these dark Satanic mills?

Bring me my bow of burning gold,  
Bring me my arrows of desire,  
Bring me my spear, O clouds unfold,  
Bring me my chariot of fire!

I will not cease from mental fight,  
Nor shall my sword sleep in my hand,  
Till we have built Jerusalem,  
In England's green and pleasant land.



# 1. Anna da Bretanha

*Havia mulheres dispostas a decidir elas mesmas seus destinos,  
pouco importando o preço a pagar.*

Georges Duby

**C**ruzadas, guerra santa, ordens militares, feudos, castelos, peregrinações, catedrais góticas, cidades, burgueses, artesãos, universidades, livros, traduções, bibliotecas, lendas arturianas, romances, trovadores, canções, menestréis, saltimbancos, teatro, corporações, moeda, comércio, moda, cortes, damas, cavaleiros, brasões, torneios, enfim, eis parte do mundo que emergiu do século XII da Era cristã, no coração da Idade Média. Todas as palavras que abriram este parágrafo foram criadas ou promovidas ao longo do século XII, todas em larga escala, e juntas formaram um novo tempo.

Não é exagero dizer que a moderna civilização ocidental encontrou seu caminho a partir do século XII, seu poder de transformação foi tal que um novo mundo floresceu, tendo atingido não somente a sociedade cristã do Ocidente como também as grandes civilizações contemporâneas, sobretudo o Islã e o Império Bizantino, formando-se o grande triângulo que define o mundo efervescente em que Anna viveu.

Anna da Bretanha nasceu no ano de 1135 da Era cristã, ao mesmo tempo em que morria o rei Henrique I da Inglaterra, sucedido por Estevão de Blois. Anna era filha de Erik de York, cavaleiro inglês que vivia de serviços militares aos senhores feudais interessados em recrutar guerreiros. Assim viveu Erik, durante quinze anos, até casar com Joanna de Le Pallet, viúva e sem filhos, com castelo e terras, dote perfeito a um cavaleiro. A esposa descendia dos bretões da ilha inglesa que haviam fugido ao noroeste da França durante as invasões bárbaras, onde fundaram a pequena Bretanha.

Joanna não tinha filhos, não por opção. Bem que ela tentara engravidar durante o primeiro casamento, em vão, e quando morreu seu marido, não por esta causa, Joanna casou com Erik na esperança de ter encontrado o futuro pai de seus filhos. No dia do casamento, durante as festividades, ela se ergueu, pediu a atenção de todos e anunciou com ar solene:

- Deus bem sabe o quanto sonhei em ter um filho nesta vida... e o quanto fiz e rezei para que trouxesse a maternidade para dentro de minha casa...

Joanna se interrompeu em suspense. Então, após colocar as mãos ritualmente sobre o próprio ventre, concluiu:

- Pois, diante de todos vocês... eu juro que, se Erik me der um filho, nós haveremos de partir em peregrinação à Terra Santa a fim de agradecer tamanha graça ao Senhor!

Todos gritaram e aplaudiram, a estimulá-los para que comesçassem desde então. Erik se ergueu, brindou à promessa e abraçou a esposa junto à nova propriedade, feliz da vida, seus dias de cavaleiro errante haviam terminado. Assim, todos brindaram e abençoaram o casal com vinho, mesa farta e muita alegria.

Naturalmente, o tempo passou, e após meses de tentativas, tendo levado Erik à exaustão, não havia qualquer sinal do tão esperado filho. A suspeita já não podia mais



cair sobre o marido, como da primeira vez, e as atenções se voltaram à mulher. Tudo indicava que Joanna fosse estéril, de modo a ser forçada a uma vida sem filhos.

Erik, por seu lado, bastante frustrado, não pensava em deixar a vida sem um filho homem, seu legítimo herdeiro, o mantenedor de sua linhagem, e quando já não contava com a esposa para tal façanha, quando já considerava a idéia de tê-lo fora do casamento, Joanna enfim engravidou.

Foi a notícia do ano, recebida com muita alegria pelo casal, vassallos, camponeses e amigos, o futuro herdeiro estava a caminho. Como qualquer homem de seu tempo, Erik esperava com ansiedade por seu primogênito, mas à mãe pouco importava o sexo, bastava que fosse normal e saudável. E a alegria foi imensa quando Joanna deu luz a uma saudável menina, foi assim que Anna da Bretanha veio ao mundo.

Embora frustrado, Erik considerou o fato de que a esposa podia ter filhos normais, o que o fez pensar num filho homem da próxima vez. Então, junto festejou e recebeu com muito carinho sua primogênita.

Passada a novidade, a pressão se fez crescer por todos os lados, no sentido de Joanna cumprir a promessa de viajar à Terra Santa. Naquele tempo, um juramento era diferente do que entendemos hoje, a palavra expressa diante de terceiros era o mesmo que um documento firmado e registrado no cartório de Deus, a quem ela haveria de prestar contas no Juízo Final. Ou seja, independente da pressão externa, havia a maior de todas as pressões, o compromisso de Joanna consigo mesma, daí para com o Todo-Poderoso.

Ocorre que Joanna só pensava em cuidar da filha enquanto pequena, não a deixaria por nada neste mundo. Erik bem que concordou de início, porém, com o tempo, se mostrava cada vez mais angustiado e impaciente, não somente porque a viagem estava sempre sendo adiada, mas, sobretudo, porque não havia jeito de Joanna engravidar outra vez. Para piorar ainda mais as coisas, ele ouviu do padre que os casara:

- Seu filho não virá enquanto não for cumprida aquela promessa!

Tomado de pânico, a partir de então, Erik passou a cobrar regularmente a promessa, dia após dia, tanto que Joanna acabou por ceder, não antes de a filha completar o segundo ano. E a esposa aceitou partir desde que Anna fosse junto, sua filha única, motivo maior de seu viver, esperta e sapeca desde os primeiros passos, era inconcebível se afastar dela.

Erik, porém, logo tratou de devolver a esposa à realidade. Os riscos e condições de uma peregrinação no século XII não eram compatíveis com crianças, muito pelo contrário, e uma vez que a idéia partira da própria Joanna, aquela promessa a levaria a se afastar da filha por um longo período de tempo, algo em torno de um ano, o que tornava aquela peregrinação uma espécie de penitência involuntária.

Foi assim, aos prantos, arrependida de sua promessa, que Joanna se despediu da filha, vendo-a diminuir no horizonte com a mãozinha abanando, a menina que ficaria aos cuidados das freiras. Agora, a meta era a Terra Santa.

*O destino mais almejado de todos os peregrinos era a Terra Santa, o solo pisado pelo*

## O Cavaleiro do Templo

*Deus que se fez Homem. Nazaré, a cidade de sua infância, Belém, sua terra natal, e sobretudo o local de sua ressurreição dos mortos, a Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém. (ref 4 - pg 79)*

*Jerusalém, que nos mapas mais antigos se situa no centro do mundo, é a cidade bem amada, em direção à qual se tende, cuja aproximação dispensa qualquer alegria e faz presenciar a felicidade do céu. (ref 75 - pg 26)*

*Em regra geral, a organização espacial da Terra é determinada pela crença de que Jerusalém constitui seu umbigo. (ref 74 - pg 132)*

*A mais perigosa e eficaz de todas as peregrinações é a que conduz os fiéis até Jerusalém. Ela demanda, no entanto, tempo, dinheiro, meios de proteção que não estão ao alcance de todos. (ref 1 - pg 162)*

*Jerusalém, sagrada para o islamismo, o judaísmo e o cristianismo, é a pedra de toque para todos. A vibração dos sentimentos por Jerusalém, para tomá-la ou defendê-la, aumenta a ferocidade do conflito. (ref 2 - pg 14)*

A Terra Santa, a região em que Jesus viveu, o solo sagrado em que pisou, e o local onde foi crucificado, na Jerusalém, a Cidade Santa, o umbigo do mundo, termo dos peregrinos. Erik e Joanna viajaram por terra até o sul da Itália, onde cruzaram o traço estreito de Messina até a Ilha da Sicília. Enfim, do porto de Messina, partiram rumo a São João de Acre, o portal de entrada dos cristãos à Terra Santa.

Infelizmente, por ironia do destino, os pais de Anna da Bretanha jamais chegaram a Jerusalém. Uma violenta tempestade pôs a pique o navio em que se encontravam, e o casal deixou este mundo sem ter alcançado a tão gloriosa façanha, sem que Joanna pudesse cumprir sua arrependida promessa.

De sorte, a providência de Erik salvou a vida da filha. Tivesse partido junto, como Joanna tanto insistira, a história de Anna da Bretanha teria se encerrado aqui. Felizmente, ela ficara aos cuidados das freiras de uma abadia próxima ao Monte Saint-Michel, na costa norte da Bretanha, onde sua prima era a abadessa.

Foi naquele convento que Anna acabou por receber uma educação cristã, diferente de sua origem celta. Como a abadessa mantinha contatos regulares com o Paráclito, mosteiro da região de Troyes, Anna acabou se tornando sua companheira de viagem, o que deu origem a uma certa confusão sobre as suas origens, como se tivesse nascido naquela região.

A partir de então, a menina passou a ser controlada à risca por suas educadoras, órfã e pequena, as freiras não a deixavam em paz, sempre havia alguém com ela, a observá-la de perto, quanto mais por se tratar da priminha da abadessa. Anna era tão linda e encantadora que as freiras morriam de amores por ela, sobretudo a orgulhosa prima. Deste parentesco, segue que Anna era sobrinha distante de ninguém menos que Thomas Becket, arcebispo de Teobaldo de Bec. Isso não era pouco, Teobaldo ocupava o mais importante cargo da Igreja na Inglaterra medieval, o arcebispado de Canterbury.

Da infância de Anna, pouco se sabe. Ela simplesmente cresceu entre as freiras,

tendo recebido uma educação erudita, diferente das mulheres de seu tempo. Sua história só começa a tomar forma a partir dos onze anos de idade, quando a prima abadeira faleceu.

Desde então, Anna passou a insistir para que fosse levada justamente a Canterbury, do outro lado do Canal da Mancha, onde passaria a viver sob a proteção do tio. Após uma curta troca de correspondências, Thomas Becket concordou em receber a suposta sobrinha, não devido ao reconhecimento de um possível parentesco entre ambos, mas por saber da herança que ficaria sob sua administração direta, a propriedade feudal de Joanna.

Satisfeito por um lado, Thomas ficou muito preocupado diante da nova responsabilidade, era um homem da Igreja e a opção pela vida clerical subtraía-o da possibilidade de filhos. Agora, por ironia do destino, estava por adotar quase que uma filha.

Em setembro de 1146, ansiosa e fascinada, Anna chegou enfim à catedral, sendo conduzida ao gabinete do tio. Enquanto aguardava, reparou na biblioteca particular e tomou um livro em mãos. Foi assim que Thomas a viu pela primeira vez, a folhear um livro, ao mesmo tempo em que a luz alaranjada do crepúsculo penetrava pela janela, iluminando-a por inteiro.

Thomas ficou encantado com a cena. Aquela mocinha, tão jovem e tão bela, sabia ler. Se antes esperava por uma menina do interior da Bretanha, suja e ignorante, Thomas Becket, homem das letras, que nutria enorme fascínio pelo saber, acabou descobrindo uma conhecedora do latim, a língua do saber no Ocidente medieval. Foi então que se dirigiu pela primeira vez à distraída sobrinha:

- Amas alguma coisa fora do conhecimento de tua alma e Deus?

- Oh, perdão... o que você disse?

- Amas alguma coisa fora do conhecimento de tua alma e Deus?

- Bem, eu...

- É de Santo Agostinho... do livro que tens em mãos.

- Bem, na verdade, amo muitas coisas... a leitura, por exemplo... eu adoro ler, mas agora estava a observar as iluminuras.

- Mas, você conhece o latim, não?

- Sim, senhor... eu leio, escrevo e converso fluentemente em latim, no vernáculo...

- No vernáculo...?

Enfim, Thomas se apresentou à nova sobrinha, já admitindo o parentesco, encantado que estava. Da conversa inicial, logo percebeu o potencial da menina, e sob sua influência, Anna foi recrutada aos serviços administrativos da catedral, deixando igualmente encantado o arcebispo Teobaldo com a beleza e o talento da nova funcionária.

Assim, ao contrário do excessivo cuidado junto às freiras da Bretanha, Anna acabou por conquistar uma liberdade jamais sonhada. Com livre trânsito à biblioteca, sem ninguém a observar seus passos, podia fazer o que bem entendesse, desde que



## O Cavaleiro do Templo

cumprisse com as tarefas na catedral, algo que fazia de muito bom grado.

Anna já não era mais uma criança, e o fato de trabalhar na catedral a fazia sentir-se útil junto à comunidade e orgulhosa de si mesma. Em questão de dias, tornou-se a responsável pelos estoques da abadia, função que aprendeu com surpreendente facilidade. Em menos de duas semanas, já sabia perfeitamente o que fazer, e, pouco depois, dispensava qualquer orientação complementar.

Em um curto espaço de tempo, Anna se fez respeitar não somente pela competência ou por sua condição de funcionária da catedral, ou mesmo por sua erudição, mas também por sua estonteante graça e beleza. Cabelos ruivos, longos e cacheados, olhos azuis, espontânea e carismática, a moça havia arrebanhado uma verdadeira lista de candidatos. Cavaleiros desejosos, escudeiros sonhadores, camponeses ousados e apaixonados burgueses, Anna se tornara o centro das atenções. Não faltava sequer estudantes do clero dispostos a abandonar o hábito pela moça, tal o desejo e a paixão que suscitava no coração dos homens.

Contudo, aos onze anos de idade, Anna estava mais interessada em usufruir da vida nova a se acomodar ao lado de um marido, resistência que a tornava ainda mais desejada. Thomas protegia a sobrinha e, assim, ambos se ajudavam. Enquanto o tio a livrava dos candidatos, Anna executava as múltiplas tarefas ligadas à administração central, poupando tempo e fofato ao arcediago, com tal competência que ele próprio se reconhecia inferior na função.

Anna da Bretanha tornou-se a *luz da catedral*, apelido carinhoso que recebeu dos funcionários de Teobaldo, que a cercavam e paparicavam, todos se rendiam aos seus encantos. E a luz da catedral estava feliz da vida, livre e desimpedida, com um tio que não somente a admirava como também a estimulava ao saber.

Porém, nem tudo era luz no século XII. Dois anos antes da chegada de Anna a Canterbury, notícias vindas da Terra Santa haviam sacudido e consternado a cristandade, Edessa havia caído aos muçulmanos de Zenghi.

A bela e histórica Edessa, a capital do primeiro estado franco na Terra Santa, conquistada pelos cavaleiros cristãos durante a 1ª Cruzada, agora, estava nas mãos dos temíveis sarracenos, tendo sucumbido em dezembro de 1144.

A queda de Edessa foi recebida no Ocidente como uma verdadeira catástrofe, ainda que não fosse surpresa. Desde o final da 1ª Cruzada era sabido que suas defesas eram vulneráveis, porque a grande parte do exército cristão fora morta ou retornara à Europa, e o corpo militar que lá permanecera era escasso para cobrir tão vasta região.

Os estados francos ocupavam uma longa faixa litorânea que partia da Ásia Menor e descia até o sul da Palestina, estreitando-se então ao Golfo da Arábia, braço direito do mar Vermelho. Se fora tão difícil conquistar a Terra Santa ao longo da 1ª Cruzada, mantê-la em poder dos cristãos era quase que um sonho, e o sonho começara a ruir em 1144, Edessa havia caído. O cenário que se desenhava era o de uma nova expedição militar, uma nova cruzada, não somente visando ao restabelecimento de Edessa à cristandade, mas, sobretudo, buscando aplicar uma exemplar punição ao infiel.

*A palavra 'cruzada' só passou a ser usada no século XIII. Antes disso, falava-se em 'expedição de Deus' ou 'negócio de Cristo' ou simplesmente 'a peregrinação'. (ref 17 - pg 57)*

*A palavra só surge depois de 1250 para designar a expedição a Jerusalém dos soldados de Cristo. Nos séculos XI e XII, fala-se de preferência em 'viagem de Jerusalém', em peregrinação ou expedição, sem outra precisão. (ref 32 - pg 231)*

A vitoriosa campanha da 1ª Cruzada havia deixado a impressão de que os cavaleiros de Cristo eram imbatíveis, que seus ataques arrastavam o que havia no caminho, que ninguém era adversário à altura. Os cruzados haviam espalhado muito terror na Terra Santa, tendo vencido batalhas perdidas com ataques fulminantes, tidos então como invencíveis, tanto quanto bárbaros, inclusive antropófagos. Agora, o mito estava a ruir com a recente e importante vitória em Edessa, que havia devolvido aos muçulmanos a esperança. Justamente por isso, era fundamental resgatar a cidade o quanto antes, a fim de restabelecer a imagem aterradora dos cavaleiros do Ocidente.

Anna estava muito excitada com o movimento à volta, como comparar tudo aquilo à vida pacata junto às freiras? Os sermões exacerbados nas missas, as oferendas e orações, rituais e encenações, o falatório nas ruas, a pregação espontânea, as canções dos menestréis, o Ocidente repetia o idealismo cristão da 1ª Cruzada, como se a reconquista de Edessa fosse somente uma questão de tempo.

Em Paris, o calor da nova expedição era ainda mais intenso. O rei Luís VII e sua rainha Alienor haviam tomado a cruz, participariam pessoalmente da 2ª Cruzada. Já Estêvão de Blois, rei da Inglaterra, preferiu ficar em casa para reorganizar seu reino.

O tio mantinha a sobrinha a par de tudo o que acontecia, não somente na Inglaterra, França ou Terra Santa como também na península ibérica, onde a Reconquista estava em pleno curso, e, como não podia deixar de ser, Thomas mantinha Anna a par das notícias oriundas dos dois impérios romanos.

Dois impérios romanos? Mas, se a Idade Média começara justamente com a queda de Roma no século V, como era possível que, em pleno século XII, existisse não apenas um, mas dois impérios romanos? Pois, de fato, ambos existiam.

Naturalmente, não se tratava do Império Romano dos Césares e Augustos, do gigantesco Panteão e do Coliseu monumental, aquele havia caído diante das invasões bárbaras, mesmo assim, os dois impérios romanos do século XII estavam diretamente ligados ao antigo. Este é um longo assunto que haverá de se tornar claro à medida que se desenrola esta narrativa.

Tão entusiasmada estava Anna com os preparativos da cruzada que, após muito insistir, recebeu do tio permissão para viajar a Aix-la-Chapelle, conhecida também por Aquisgrana, no continente europeu, na companhia de um grupo de clérigos de Canterbury em missão junto à personalidade mais importante de seu tempo, o famoso e quase mítico Bernardo de Clairvaux, futuro São Bernardo. Em nome do papa, ele fazia uma pregação através da Europa conclamando os cristãos a tomar a cruz, seguir para o Oriente e arrancar Edessa dos infieis.

A força e a fé estavam em jogo e se manifestavam por todos os lados. Os povos



## O Cavaleiro do Templo

do Ocidente se mostravam tão consternados com a perda de Edessa quão otimistas por retomá-la, sedentos de vingança. O próprio Bernardo de Clairvaux não deixava por menos:

*'Dareis aos cães o que há de mais santo, aos porcos as pérolas preciosas?'* (ref 95 – pg 58)

*Não havia dúvida no espírito de Bernardo de que a Terra Santa era o patrimônio de Cristo injustamente confiscado pelos muçulmanos.* (ref 4 - pg 115)

*São Bernardo de Clairvaux, segundo o qual matar por Cristo era malecídio, não homicídio.* (ref 2 - pg 29)

*Bernardo recorre à idéia da guerra santa e de prêmio final, o paraíso, à semelhança do conceito muçulmano que manipula a jihad, e afirma que 'Cristo é a recompensa da morte quando se morre lutando contra o infiel'.* (ref 29 - pg 41)

A perspectiva da nova Cruzada era fascinante, Anna da Bretanha não somente deixara para trás o claustro como se tornara parte do efervescente mundo do século XII. Estava tão deslumbrada que queria saber como era este novo mundo e tudo o que estava acontecendo naquele momento tão especial de sua vida.